

Livro: O Mundo é Plano – uma breve história do século XXI,
Thomas L. Friedman, editora Objetiva, 2005

Com a globalização o mundo ficou plano¹

Carlos I. S. Azambuja*

“Todos querem crescimento econômico, mas ninguém deseja mudanças.”
(Paul Romer, economista)

Quando, daqui a 20 anos, os historiadores se debruçarem sobre a história do mundo e chegarem ao capítulo “ano 2000 a março de 2004”, que fatos destacarão como os mais importantes? Os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono em 11 de setembro de 2001 e a Guerra do Iraque? Ou a convergência de tecnologia e determinados acontecimentos que permitiram a Índia, China e tantos outros países ingressarem na cadeia global de fornecimento de serviços e produtos, deflagrando uma explosão de riqueza nas classes médias dos dois maiores países do mundo e convertendo-os, assim, em grandes interessados no sucesso da globalização? Será que, em decorrência desse “achatamento” do globo, que faz com que tenhamos de correr mais para continuarmos no mesmo lugar, o mundo ficou pequeno e rápido demais para os seres humanos e seus sistemas políticos se adaptarem de maneira estável?

Segundo Thomas Friedman, autor do *best-seller O Mundo é Plano*, a globalização atravessou três grandes eras. A primeira delas se estendeu de 1492 – quando Cristóvão Colombo embarcou, inaugurando o comércio entre o Velho

e o Novo Mundo – até por volta de 1800. Essa etapa poderia ser denominada de *Etapa de Globalização 1.0*, que reduziu o tamanho do mundo de grande para médio e envolveu basicamente países e esforços individuais. Isto é, o principal agente da mudança, a força dinâmica por trás do processo de integração global, era a potência muscular (a quantidade de força física, a quantidade de cavalos-vapor, a quantidade de ventos) que o país possuía e a criatividade com que a empregava.

A segunda grande era, a *Globalização 2.0*, durou mais ou menos de 1800 a 2000 e diminuiu o mundo do tamanho médio para o pequeno. O principal agente da mudança, a força dinâmica que moveu a integração global, foram as empresas multinacionais que se expandiram em busca de mercados e mão-de-obra. Na primeira metade dessa era, a integração global foi alimentada pela queda dos custos de transporte (graças ao motor a vapor e às ferrovias) e, na segunda, pela queda dos custos de comunicação em decorrência da difusão do telégrafo, da telefonia, dos PCs, dos satélites, dos cabos de fibra ótica e da *World Wide Web* em sua versão inicial. Foi nesse período que assistimos de fato ao nascimento e à maturação de uma economia global propriamente dita, no sentido de que

¹ Transcrito de Mídiasemascara em 06 de julho de 2006.

* O autor é Coronel do Exército e historiador.

havia uma movimentação de bens e informações entre os continentes em volume suficiente para a constituição de um mercado de fato global. As forças dinâmicas por trás dessa etapa da globalização foram as inovações de *hardware* (dos barcos a vapor e ferrovias, no princípio, aos telefones e *mainframes*, mais para o final).

Nesse período ruíram muros em todo o mundo, e a integração – e a resistência a ela – atingiu um nível sem precedentes. Por mais muros que fossem derrubados, todavia, ainda havia inúmeras barreiras a uma integração global homogênea. Basta pensar que, quando Bill Clinton foi eleito presidente dos EUA, em 1992, praticamente ninguém que não pertencesse ao governo ou ao meio acadêmico tinha *e-mail*. E seis anos depois, em 1998, o comércio eletrônico ainda estava engatinhando.

Por volta do ano 2000, o mundo entrou em uma nova era: a *Globalização 3.0*, que está não apenas encolhendo o tamanho do mundo de pequeno para minúsculo, como também, ao mesmo tempo, aplainando o terreno. Enquanto a força dinâmica da *Globalização 1.0* foi o maior intercâmbio entre os países e na *Globalização 2.0*, o das empresas, na *Globalização 3.0* a força dinâmica vigente – aquilo que lhe confere caráter único – é a recente descoberta da capacidade dos indivíduos de colaborarem e concorrerem no âmbito mundial, e a alavanca que vem permitindo que indivíduos e grupos se globalizem com tamanha facilidade e de maneira tão uniforme é não o cavalo-vapor nem o *hardware* mas o *software* (novos aplicativos de todos os gêneros), conjugado à criação de uma rede de fibra óptica em escala planetária que nos converteu, a todos, em vizinhos de porta.

Entretanto, a *Globalização 3.0* não difere das eras anteriores apenas em termos de o quanto vem encolhendo e achatando o mundo e do poder com que está munindo o indivíduo. A diferença reside também no fato de que as duas primeiras etapas foram encabeçadas basicamen-

te por europeus e norte-americanos, pessoas e empresas. A tendência, todavia, é que esse fenômeno se inverta: em virtude do achatamento e do encolhimento do mundo, esta fase *3.0* será cada vez mais movida não só por indivíduos, mas também por um grupo muito mais diversificado de não-ocidentais e não-brancos. Pessoas de todos os cantos do mundo estão adquirindo poder; a *Globalização 3.0* possibilita a um número cada vez maior de pessoas se conectar num piscar de olhos, com todas as facetas da diversidade humana entrando na roda.

Os saltos de produtividade serão colossais para os países, empresas e indivíduos capazes de absorver as novas ferramentas tecnológicas. Está sendo inaugurada uma fase em que todos, mais do que nunca antes na história mundial, terão acesso a essas ferramentas – como inovadores, como colaboradores e, infelizmente, até como terroristas. A verdadeira revolução da informação está prestes a começar: a nova etapa da *Globalização 3.0*, o que faz com que a Terra deixe de ser redonda e se achate. Para onde quer que olhemos, vemos hierarquias sendo desafiadas de baixo para cima, deixando de ser estruturas verticais e se horizontalizando.

Globalização é um termo que foi criado na administração de Bill Clinton para descrever as relações entre governos e grandes empresas. Mas o que está acontecendo hoje é um fenômeno muito mais amplo e profundo. Determinados empregos agora se dão no ciberespaço, profissionais colaboram com outros nos confins do planeta, produtos são gerados ao mesmo tempo em diversos lugares. Nesse caso, quem regula o trabalho? Quem o tributa? E quem deve se beneficiar desses impostos?

O achatamento do mundo entrará para a História como uma daquelas transformações cruciais, como a ascensão do Estado-nação ou a Revolução Industrial. Todas as vezes em que a civilização enfrentou uma dessas revoluções tecnológicas – como a introdução da imprensa

de Gutenberg, por exemplo –, o mundo sofreu profundas modificações. Há, porém, uma diferença qualitativa entre essas transformações anteriores e o atual achatamento do mundo: a rapidez e a amplitude com que este se dá. A introdução da imprensa levou décadas para se consolidar, e o mesmo pode ser dito da Revolução Industrial. Todavia, o processo de achatamento está acontecendo à velocidade da luz e atinge, direta ou indiretamente, muito mais gente em todo o globo. Quanto mais rápida for a transição para uma nova era, mais dolorosas serão as rupturas causadas pela transferência de poder dos antigos vencedores para os novos.

A experiência das empresas de alta tecnologia que, nas últimas décadas, não conseguiram acompanhar a frenética sucessão de transformações provocadas no seu mercado por esse tipo de forças, deve servir de alerta para todas as empresas, instituições e Estados-nações em que faltem lideranças, flexibilidade e imaginação para se adaptarem, por estarem sendo sobrepujadas pela velocidade dessas transformações.

O grande desafio do nosso tempo será absorver tais mudanças de forma a não atropelar as pessoas nem deixá-las para trás. Será uma missão inevitável e inescapável, mas nada fácil.

No que isso tudo vai dar? Por exemplo: na próxima etapa do fluxo de trabalho baseado em serviços da *web*, para você marcar uma hora no dentista vai dar um comando de voz para que o seu computador o faça em seu lugar. O computador, então, automaticamente, vai converter a voz numa instrução digital, comparar a sua agenda com as datas disponíveis na do dentista e oferecer-lhe três opções, e você clica na data e hora mais convenientes. Uma semana antes da data escolhida, a agenda do dentista vai enviar um *e-mail* automático para lembrá-lo da consulta e, na noite anterior, você receberá, na caixa postal do seu celular, uma mensagem de voz gerada por computador, também para lembrá-lo do compromisso.

Um grande fabricante norte-americano de automóveis descobriu, há pouco tempo, que empresas chinesas estavam usando as novas tecnologias de escaneamento para, em tempo recorde, digitalizar carros inteiros, criar modelos de cada peça no computador e fornecê-los para robôs industriais capazes de, também em tempo recorde, produzirem cópia perfeita de um automóvel da GM, sem gastar um centavo em P&D. Jamais ocorreu à indústria automobilística norte-americana que ela teria de se preocupar com a possibilidade de clonagem dos seus produtos. Mas, no mundo plano e com as atuais tecnologias, a realidade é outra.

Seguramente, isso não estaria ocorrendo apenas com a indústria automobilística...

“Todos os dias de manhã, na África, o antílope desperta. Ele sabe que terá de correr mais rápido que o mais rápido dos leões, para não ser morto. Todos os dias, pela manhã, desperta o leão. Ele sabe que terá de correr mais rápido que o antílope mais lento, para não morrer de fome. Não interessa que bicho você é, se leão ou antílope. Quando amanhece, é melhor começar a correr” (provérbio africano que, devidamente traduzido para o mandarim, o gerente da ASIMCO Technologies, fabricante de peças de automóveis, um chinês que estudara nos EUA, mandou afixar no chão da fábrica, em Pequim).

Thomas L. Friedman, autor do livro que estou tentando resumir, escreveu: “Não sei quem é o leão e quem é o antílope; o que sei é que, desde a sua adesão à Organização Mundial de Comércio, em 11 de dezembro de 2001, tanto a China quanto o resto do mundo precisaram começar a correr cada vez mais rápido. O que é chamado *offshoring* se dá quando uma empresa pega uma de suas fábricas de Canton, Ohio, e transfere-a inteira para o exterior – para Cantão, na China, por exemplo – onde produzirá exatamente o mesmo produto, exatamente da mesma maneira, só que com mão-de-obra mais barata, uma carga tributária menor, energia subsidiada e menos gastos com os planos de saúde

dos funcionários (...) O ingresso da China na OMC guindou Pequim e o resto do mundo a um nível sem precedentes de *offshoring*, um número cada vez maior de empresas passou a deslocar sua produção para o exterior, para depois integrá-la em suas cadeias globais de fornecimento (...) Hoje a gente vai a cidades da costa leste (da China) de que nunca ouviu falar antes e descobre que lá se fabrica a maior parte das armações de óculos do mundo, ao passo que na cidade vizinha é produzida a maior parte dos isqueiros do mundo, e na seguinte são feitos quase todos os monitores dos computadores da Dell, enquanto outra está se especializando em telefones celulares. Kenichi Ohmae, consultor de empresas japoneses, estima que, em seu livro *The United States of China*, só na área do delta do Zhu Jiang, ao norte de Hong Kong, existam 50 mil fabricantes de componentes eletrônicos (...)."

Abstraindo, evidentemente, o tema dos direitos humanos e das liberdades individuais na China, observa-se que, quanto mais atraente ela se torna como base de *offshoring*, mais atraentes também têm de se tornar os países em desenvolvimento que lhe fazem frente, como a Malásia, a Tailândia, a Irlanda, o México, o Brasil, o Vietnã. Todos observam o que está acontecendo com a China e a transferência de empregos para lá e pensam: "Caramba, melhor eu começar a oferecer esses mesmos incentivos." A longo prazo, a verdadeira estratégia dos chineses é superar os EUA e a Europa pelo alto. Seus líderes estão muito mais preocupados que muitos de seus concorrentes ocidentais em munir seus jovens das competências matemáticas, científicas e computacionais indispensáveis para o sucesso no mundo plano; em construir uma infra-estrutura física e de telecomunicações que permita aos chineses se conectarem com mais rapidez e velocidade que os demais e em criar incentivos que atraiam os investidores globais. A verdadeira ambição dos seus líderes é que a próxima geração de *lingerie* ou peças de avião

seja também projetada na China. Esse é o futuro, dentro dos próximos 10 anos. Assim, num intervalo de 30 anos, teremos passado do "vendido na China" para o "fabricado na China", depois para o "desenhado na China" e para o "sonhado na China". Ou seja, de uma China que em nada contribuía para a produção mundial para uma China que colabora a baixo custo, com alta qualidade e extrema eficiência *em tudo*.

Segundo Pat Powers, diretora da Câmara de Comércio China-EUA em Pequim, se a entrada do país na OMC tivesse sido submetida a um referendo popular, "jamais seria aprovada". Um dos princípios por que as lideranças chinesas se decidiram pelo ingresso na OMC foi a necessidade de forçar a burocracia do país a se modernizar, pondo abaixo a muralha de regulamentações internas e reduzindo a margem para decisões arbitrárias.

E acrescenta Thomas Friedman: "Com o passar do tempo, a adoção dos padrões da OMC terá o efeito de achatar ainda mais a economia chinesa. Não será, porém, uma transição fácil e não é irrisória a possibilidade de sobreviver alguma ruptura política ou econômica que interrompa ou retarde o processo. Não basta, todavia, implementar todas as reformas sugeridas pela OMC. Logo a China chegará a um ponto em que suas ambições de crescimento exigirão mais reformas políticas. A corrupção jamais será extirpada sem uma imprensa livre e instituições ativas da sociedade civil. O país nunca será eficiente de fato sem um Estado de direito melhor codificado, sem um sistema político mais aberto, que permita à população expressar suas insatisfações. Em outras palavras, a China só vai ficar realmente plana depois de ultrapassada a barreira da reforma política. Embora a força niveladora chinesa venha dando muita dor de cabeça para operários de todo o mundo, para os consumidores ela está sendo um maná. A revista *Fortune* de 4 de outubro de 2004 citou um estudo do Morgan Stanley que estima que,

contando desde meados da década de 1990 apenas, as importações baratas da China pouparam aos consumidores norte-americanos cerca de US\$ 600 bilhões e aos fabricantes, incontáveis bilhões em peças mais baratas para os seus produtos. Tanta economia, por sua vez, observa a *Fortune*, possibilitou que o Federal Reserve contivesse os juros por mais tempo, proporcionando a uma parcela maior da sua população a oportunidade de adquirir ou refinar sua casa própria e, às empresas, mais capital para investir em inovações. (...) O salário médio de um maquinista qualificado nos EUA fica em torno de US\$ 3 a US\$ 4 mil por mês. O salário médio de um operário na China é de cerca de US\$ 150 mensais, além de um plano de pensão, patrocinado pelo Governo chinês, que compreende plano de saúde, habitação e aposentadoria, no valor de 35% a 45% da remuneração mensal do operário.”

Ou você se achata ou a China vai achatar você, segundo um executivo da empresa norte-americana ASIMCO que tem um *offshoring* na China. Não há de faltar quem ache assustadora essa perspectiva, mas será um acontecimento inegavelmente positivo para o mundo como um todo. Segundo um jornalista mexicano que entrevistou um alto funcionário do Banco Central chinês, este lhe disse uma coisa realmente perturbadora sobre o relacionamento da China com os EUA: “Primeiro tínhamos medo do lobo, depois começamos a querer dançar com o lobo, e agora queremos ser o lobo.”

Outro fator que contribui para tornar o mundo cada vez mais plano, segundo Friedman, são os mecanismos de busca na Internet. Na sede do Google, em Mountain View, Califórnia, há um globo girando num canto e emitindo raios luminosos com base no número de pessoas que fazem busca no *site* a cada momento. A maioria das luzes pisca na América do Norte, Europa, Coréia, Japão e litoral da China. O Oriente Médio e a África permanecem mais escuros.

Noutro canto, uma tela mostra exemplos dos tipos de informações que as pessoas estão buscando em todo o mundo. Nas palavras do cofundador do Google, o russo naturalizado norte-americano Sergey Brin, quem possuir conexão por banda larga ou discada ou tiver acesso a um *cibercafé*, seja um garoto do Camboja ou um professor universitário, terá o mesmo acesso básico a dados gerais de pesquisa. É esse o objetivo do Google: facilitar o acesso a todo o conhecimento do mundo, em todos os idiomas. “Tudo” e “todos” são palavras-chave, ouvidas na empresa o tempo inteiro.

A história oficial do Google, encontrada em sua página inicial, explica que seu nome vem de um trocadilho com a palavra “*googol*”, o número representado pelo dígito 1 seguido de 100 zeros. A escolha dessa nomenclatura refere-se à missão da empresa de organizar o imenso – aparentemente infinito – volume de informações disponível na *web* só para você.

Não há maior força de achatamento e nivelamento que a idéia de que todo o conhecimento do mundo, ou pelo menos uma grande parte dele, está disponível para todos e qualquer um, a qualquer momento, em qualquer lugar, uma vez que buscar algo por conta própria é um ato tão pessoal que não há nada que confira maior autonomia ao ser humano. É a antítese de nos dizerem ou ensinarem alguma coisa. É uma questão de obtenção de poder por cada indivíduo, o poder de cada um fazer das informações desejadas aquilo que lhe parecer melhor. A utilização dos mecanismos de busca é a expressão máxima do poder do indivíduo que, usando um computador, olha para o mundo e encontra exatamente o que quer. Nesse sentido, não há duas pessoas iguais.

Michael J. Sandel, renomado teórico político da Universidade de Harvard, comentou que o processo de achatamento que agora se verifica fora identificado, pela primeira vez, por Karl Marx e Friedrich Engels em seu *Manifesto*

Comunista, publicado em 1848. *O Manifesto* descreve o capitalismo como uma força fadada a dissolver todas as identidades feudais, nacionais e religiosas e dar origem a uma civilização universal, regida por imperativos do mercado. A seu ver, era inevitável que o capital atingisse suas metas e não só inevitável como também desejável, pois, uma vez destruídos todos os vínculos de cunho nacional e religioso, o violento combate entre capital e trabalho ficaria exposto e às claras. Obrigados a competir numa corrida global rumo ao fundo do poço, acreditava Marx, os trabalhadores do mundo acabariam se unindo numa revolução global para pôr fim à opressão. Naquele que é, provavelmente, o principal parágrafo do *Manifesto Comunista*, Marx e Engels escreveram:

“Todas as relações fixas, seguras, cristalizadas, com sua comitiva de antigos e veneráveis preconceitos e opiniões, são varridas, e aquelas recém-constituídas tornam-se obsoletas antes mesmo de se ossificarem. Tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo aquilo que é sagrado é profanado, e o homem finalmente se vê compelido a encarar, com sobriedade, suas verdadeiras condições de vida e suas relações com seus pares (...). Em vez dos antigos desejos, atendidos pela produção do país, deparamo-nos com novos anseios, para cuja satisfação se fazem necessários produtos de terras e climas distantes. Em vez do velho isolamento e auto-suficiência nacionais, temos o intercurso em todos os sentidos, a interdependência universal das nações (...). A burguesia, mediante o rápido aprimoramento de todos os instrumentos de produção, mediante meios de comunicação imensamente facilitados, arrasta todas as nações, mesmo as

mais bárbaras, para a civilização. Os baixos preços dos bens compõem a artilharia pesada com que ela derruba todas as Muralhas da China (...). Numa palavra, a burguesia cria um mundo à sua imagem e semelhança.”

A conclusão do autor é que, com a globalização, o mundo deixou de ser redondo, se achatou e ficou plano. E com o achatamento do mundo, os pequenos começaram a poder pensar grande. Isto é, as pequenas empresas adquiriram uma visão global. E isso não tem volta. E se os norte-americanos e europeus quiserem tirar proveito do achatamento do mundo e da interconexão de todos os mercados e pólos de conhecimento, vão precisar correr pelo menos tão rápido quanto o mais rápido dos leões. Segundo a *Folha de S. Paulo* noticiou dia 28 de junho de 2006, “a entrada de maquinário importado, sobretudo chinês, tem preocupado a Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos). Dados da entidade mostram que, em alguns segmentos, a taxa de crescimento das exportações de máquinas chinesas para o Brasil é muito maior que a média das exportações da China para o mundo. Enquanto as vendas de fornos industriais chineses, por exemplo, cresceram 89% na média mundial, para o Brasil a alta foi de 11.271% entre 2004 e 2005. “Isso significa que os exportadores chineses estão sendo bastante agressivos”, diz Patrícia Marrone em estudo da Abimaq sobre a China.

Ler o livro de Thomas Friedman é um bom ponto de partida para os empresários da Abimaq entenderem o que está acontecendo com o mundo, que não é mais redondo. Ele se achatou e está ficando plano... e eles podem começar a correr.